

Discoespondilite com sinais neurológicos em cão jovem:

Relato de caso

Leal, L. M.1*; Lima, T. B.; Rocha, A. G.; Morato, G. O.; Cipolli, M. V. M.; Canola, J. C.

A discoespondilite é uma infecção do disco intervertebral com osteomielite intercorrente de placas finas e corpos adjacentes. Os organismos mais comumente associados à discoespondilite são *Staphylococcus aureus* e *Staphylococcus intermedius*. Na maioria dos cães, não se conseguiu determinar qualquer causa subjacente para o distúrbio. As bactérias se difundem pela placa final cartilaginosa do corpo vertebral até contatar o disco, resultando em lise da placa final adjacente, necrose discal e colapso do espaço intervertebral. Por ser uma área estático-cinética que concentra o estresse, a região lombar é a mais predisposta. Dor espinhal é o sinal clínico mais comum. Os déficits neurológicos, quando ocorrem, estão relacionados à compressão da medula espinhal. Fêmea da espécie canina, raça boxer, cinco meses, foi atendida no Hospital Veterinário da Unesp/Jaboticabal (SP), tendo como queixa principal dor ao levantar-se com evolução de 20 dias. Ao exame físico, o animal apresentava dor à compressão da região lombar, ataxia dos membros pélvicos à marcha, propriocepção e reflexos diminuídos. Aos exames laboratoriais, constatou-se leucocitose com desvio à esquerda. Perante a radiografia da região lombar, verificou-se discreta redução do espaço intervertebral de L5-L6, do comprimento da vértebra L5 e área de osteólise na borda caudal de L5. Para a confirmação do diagnóstico, realizou-se biópsia incisional do corpo vertebral de L5 e do disco intervertebral correspondente (L5-L6), sendo encaminhado para exame histopatológico. Constataram-se áreas de lise óssea, remodelamento e necrose, com proliferação de osteoclastos típicos e infiltrado rico em macrófagos, células epitelioides e neutrófilos, com área de proliferação vascular, sugestivo de osteomielite ou discoespondilite. Instituiu-se tratamento com Tramadol, 4 mg/kg/BID/PO/7 dias; Meloxicam 0,1 mg/kg/SID/PO/7 dias; Cefalexina, 30 mg/kg/TID/PO/8 semanas; e confinamento em gaiola por 30 dias. Após 15 dias de tratamento, o animal apresentou melhora quanto à marcha e o proprietário relatou a ausência de dores ao levantar-se. No 30º dia do tratamento, ao exame radiográfico, verificou-se colapso do espaço intervertebral entre L5 e L6 com presença de área de osteólise em borda caudal de L5 e cranial de L6. Entretanto, a paciente não apresentava sinais clínicos da doença, possuía boa marcha sem indícios de ataxia e ausência de dor à compressão da coluna vertebral na região lombar, o que excluiu a necessidade iminente de descompressão medular. O exame histopatológico é de fundamental importância no diagnóstico precoce da doença e a associação de antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos ao repouso, como forma de tratamento, propicia boa melhora em curto período de tempo, sendo dispensáveis, em primeira instância, técnicas cirúrgicas para a descompressão da medula espinhal.

Palavras-chave: Filhote; canina; neurologia; dor; ataxia

*leonardo.vet@hotmail.com

1 Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias FCAV-Unesp, Jaboticabal

Emprego de método imunistoquímico na pesquisa de micrometástases em linfonodos de cães portadores de carcinomas mamários

Coelho, V. S.¹; Coutinho, A. S.²; Prada, T. C.³; Araujo, M. M.³; Carandina, L. S.³; Zanco, N. A.⁴; Xavier, J. G.⁵

As neoplasias mamárias são os processos oncológicos de maior incidência em cães. Destacam-se os carcinomas, com frequente emissão de metástases para

linfonodos e pulmões. O avanço tecnológico tem permitido a caracterização fenotípica das células tumorais pela pesquisa de componentes do citoesqueleto e moléculas de superfície. Em neoplasias epiteliais, as moléculas mais abordadas são as citoceratinas. O objetivo do presente trabalho foi avaliar o uso da pancitocerotina no diagnóstico de micrometástases em linfonodos de cadelas portadoras de carcinomas mamários, comparando-os com a histologia convencional. Foram obtidas amostras de neoplasias mamárias e linfonodos de 30 cadelas atendidas no Hovet-Metodista. Essas amostras cirúrgicas foram fixadas em formol a 10%, realizando-se cortes de 4 µm corados pelo hematoxilina-eosina ou submetidos a método imunistoquímico com o anticorpo antipancitocerotina AE1/AE3 (Zymed), 1:400, seguindo a metodologia descrita por Hsu et al. (1981). As neoplasias foram classificadas e graduadas histologicamente de acordo com Misdorp et al. (1999) e Ellston & Ellis (1991), comparando-se a sensibilidade dos métodos para a detecção de micrometástases em linfonodos. A eficácia da histopatologia convencional pelo método de hematoxilina-eosina identificou histologicamente sete casos de metástase, acrescentando-se, com a imunistoquímica, mais um, representando um aumento de 3,3%, incrementando a sensibilidade da detecção microscópica de metástases de carcinomas em linfonodo. Houve concordância de resultados na pesquisa de micrometástases em 96,7% dos cortes examinados. Se considerarmos os casos inicialmente considerados livres de metástases, a avaliação imunistoquímica revelou a presença de micrometástase oculta em 4,35% das amostras. Tomando-se a imunistoquímica como procedimento diagnóstico de referência, o método convencional apresentou sensibilidade de 87,5% e valor preditivo negativo de 95,6%, indicando importante acréscimo na sensibilidade com o emprego da marcação imunistoquímica. A pesquisa imunistoquímica de micrometástases de carcinoma mamário em linfonodos pode ser utilizada como um complemento à histopatologia convencional, aumentando a sensibilidade do procedimento e fornecendo um acréscimo de informações, de caráter prognóstico e terapêutico, que justificam sua utilização.

Palavras-chave: Imunistoquímica; carcinoma mamário; histopatologia

1 Autor e Médico Veterinário – Trainee do Hovet-Metodista

2 Autor, Coorientador e Médico Veterinário da Universidade Metodista de São Paulo, Professor de Cirurgia e Cirurgião Responsável do Hovet-Metodista

3 Autor e Graduando em Medicina Veterinária na Universidade Metodista de São Paulo

4 Autor e Médico Veterinário Diretor do Hovet-Metodista

5 Orientador, Médico Veterinário e Doutor em Patologia Experimental e Comparada da Universidade Metodista de São Paulo

Enfisema pulmonar bolhoso em cão

Silva, A. R. S.1*; de Nardo, C. D. D.1; Castro, K. F.1; Paroni, M. F.2; Silva, E. M.3

O enfisema pulmonar é uma manifestação vista em seres humanos com trauma torácico, síndrome da angústia respiratória neonatal, em asmáticos, em ventilação mecânica por pressão positiva e em usuários de tabaco. O enfisema bolhoso (EB) é raramente descrito nos animais e relacionado às enfermidades congênicas broncopulmonares, levando à angústia respiratória. As bolhas de enfisema são processos broncoespásticos e obstrutivos dos bronquíolos terminais, posteriores às rupturas de septos interalveolares, com paredes delgadas, translúcidas ou opalescentes e constituídas pela pleura visceral. Podem ser uni ou bilaterais e funcionalmente inertes, ocupando um grande espaço na cavidade torácica. Apesar de o EB acometer os lobos pulmonares, há porções ainda funcionais, porém mal ventiladas e colabadas, roubando espaço para a dinâmica de partes menos afetadas. O tratamento do EB é importante, pois